

## Coleção Vidas em cordel:

A coleção Vidas em Cordel, parte integrante da exposição de mesmo nome, é uma homenagem aos 30 anos do Museu da Pessoa, um museu virtual e colaborativo de histórias de vida. Os depoimentos, transformados em versos por Jonas Samaúma, fazem parte de um acervo com mais de 18 mil histórias de vida. Para visitar o Museu da Pessoa e saber mais sobre esta e outras histórias, acesse [www.museudapessoa.org](http://www.museudapessoa.org) ou aponte seu celular para o Qrcode abaixo:



## TULA PILAR: UMA RAINHA DA POESIA

Fazer um cordel é pouco  
Pra alguém que merece tanto  
Que foi rainha da poesia  
Como negro e eterno canto...  
Mas se foi antes d hora  
No dia que foi se embora  
Inundou a terra em pranto

Tem história inspiradora  
Essa guerreira de luz  
Na luta contra o racismo  
Sua vida nos conduz  
O tanto que se assemelha  
Parece até que espelha  
Carolina de Jesus

Tula Pilar estreou  
Na mineira Leopoldina  
Sua mãe foi cozinheira  
Trabalhou desde menina  
E Tula Pilar Ferreira  
Faria da mesma maneira,  
Seguiria a mesma sina

Pois as questões do Brasil  
Sua vida nos reflete  
Sua mãe foi pra cozinha  
Quando tinha apenas sete  
Deu boa ajuda pra ela  
Limpando chão e panela  
A história se repete

Nos enredos da sua vida  
Também brincava demais  
Sua mãe era lavadeira  
As meninas iam atrás  
Enquanto a mãe ia lavando  
Ela brincava se ensaboando  
Cantando em Minas Gerais

Se a mãe ia lavar roupa  
Tula Pilar a seguia  
Se o sol era muito forte  
Suando a face do dia  
Em vez de lavar bermuda  
Ela ficava desnuda  
No fresco da bacia

**Jonas Samaúma** é contador de histórias, rezador, educador ambiental e escreve livros desde criança, tendo publicado 6 livros e 2 cordéis: "Ganesha" e "Lula Livre - O Dia Em Que Chico César Libertou o Brasil". Aprendeu a arte de cordelizar na íntima convivência com seu pai José Santos e no período que morou com o mestre do cordel Manoel Inácio do Nascimento no Ciclovida, sertão do Ceará. É criador do *Poetarot* e *Contarot de Histórias* e um dos criadores do Programa Vidas Indígenas no Museu da Pessoa. Para conhecer o trabalho do autor siga o instagram @jonasamauma ou escreva para o email: jonas.samauma@gmail.com

**Artur Soar** é baiano nascido em Salvador, descendente direto de gravadores de pedra da Chapada Diamantina. É amante da cultura popular e além de gravador é músico, compositor, capoeira e poeta. Conheceu a arte vendo seu pai entalhando pedras ardósia, e suas aventuras com a gravura começaram nos primeiros anos em que viveu em Lençóis-BA. Integrou diversas exposições coletivas na Bahia e teve sua primeira exposição individual internacional em Brighton-UK (2019). Participou e ganhou prêmios pelo Brasil, como o prêmio IBEMA de Gravura em Curitiba-PR (2015); exposição de 30 anos do Museu Casa da Xilogravura - Campos do Jordão-SP (2017) e o concurso de Artes Plásticas do Goethe Institut - Porto Alegre-RS (2019). O reconhecimento nacional do seu trabalho rendeu a indicação para ser professor de Xilogravura do maior e mais célebre ateliê gráfico da Bahia: oficina do Museu de Arte Moderna da Bahia.

## Ficha Técnica:

Autoria: Jonas Samaúma  
Curadoria: Museu da Pessoa  
Xilogravura: Artur Soar  
Designer da Logo: Mariana Afonso  
Diagramação: Cordelaria Castro  
Impressão: Gráfica e Editora Cinelândia  
Revisão e Consultoria:  
José Santos e Marco Haurélio

Realização:



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Migrou para Belo Horizonte  
A Tula batalhadora  
E fazia um microfone  
Com o cabo da vassoura  
Favela Alto do Minério  
Trazia um desafio sério  
E miséria assombradora

Uma cama ela não tinha  
A irmã dormia em caixote  
E quando a fome vinha  
Doía como chicote  
Crescendo ali no barraco  
Mas o amor não era fraco  
De salva-vida era o bote

E acompanhando a mãe  
No terreno da patroa  
A vida da menina Tula  
Não era assim tão boa  
Não tinha muita brincadeira  
De segunda a sexta feira  
Ela não ficava à toa

Passou a morar na casa  
Por volta dos nove anos  
Cozinhava e passava  
Além de torcer os panos  
Passou a ter um estudo  
Nessa vida ouviu de tudo  
Dos preconceitos tiranos

A patroa e as filhas  
Sempre ia acompanhar  
E na piscina do clube  
Será que podia nadar?  
Se lembra ainda criança  
De ouvir o segurança:  
“A negrinha vai entrar?”

E tinha uma outra coisa  
Que a patroa incomodava  
Tula Pilar tinha notas  
Que a sua filha não tirava  
Minha filha é bem esperta  
Disso pode estar certa;  
Antônia dizia já brava

Pilar é uma rainha  
Nem precisa de coroa  
Essa entrevista histórica  
Fez no Museu da Pessoa  
Foi no ártico enterrada  
Para ser eternizada  
O racismo da patroa

Em dois mil e dezenove  
A Tula Pilar partiu  
Chorou alto o berimbau  
E a arte do Brasil  
Luto na periferia  
Que a estrela da poesia  
Do mundo se despediu

Declamando os poemas  
Em todo lugar que ia  
Perguntavam pra ela  
“Você é da academia?”  
Sem estruturas sistêmicas  
Palavras acadêmicas  
Essa é a sua poesia

Na Feira de Buenos Aires  
Viajou para Argentina  
Fez até um espetáculo  
Para grande Carolina!  
Tula, este é o seu cordel  
A caneta é seu troféu  
A vassoura não combina

E a Tula então descobre  
Durante sua faxina  
Uma grande biblioteca  
Que em muito lhe fascina  
E com livros em inglês  
A Martha menina cortês  
A nova língua lhe ensina

E assim conectando  
A palavra com a figura  
Pilar rápido descobria  
O prazer que dá a leitura  
Ela fingia estar varrendo  
Mas ficava era lendo  
Coisas da literatura

Mas a Tula além de ler  
Se aventurou na escrita  
Depois de esfregar privada  
Limpar a sala de visita  
Mas quando a patroa vê  
Tula Pilar escrever  
Não infarta, mas já grita

Dava bronca na menina  
E os seus papéis rasgava  
Falando para limpar  
Rosto vermelho ficava  
Mesmo tudo estando limpo  
Ela queria o próprio Olimpo  
Dizia a patroa brava

Porém desses tempos árdus  
Tula tem outra lembrança  
Os brinquedos que ela ganhava  
Davam tapa na esperança  
O que das patroas sobrava  
É o que ela ficava  
Sorria murcho a criança

Sobre o Papai Noel  
Não entendia a postura  
Não gostava ele de pobre  
Lhe causava uma gastura?  
Só ganhava coisa usada  
Nunca na caixa guardada  
Os brinquedos com fartura

O homem então lhe disse:  
“Panfleto isso aqui não é!  
Essa é a revista Ocas,  
É o que me mantém de pé  
Um morador cá de rua.  
Melhorará sua vida  
A senhora bota fé”

E vendendo essa revista  
Com trajetória marcante  
Vai pra Copa dos Sem Teto  
Foi uma craque atuante  
Jogando cada partida  
Na sua África querida  
Essa mulher instigante

Assim seguiu nos seus corres  
A poeta da favela  
Que declarava um poema  
Durante a “Noite da vela”  
Viu poema passarinho  
O de poste! Era o Binho  
Que ficou bem perto dela

Tula ali encontrava  
Sua segunda família  
Ela é o Sarau do Binho  
Cuja palavra partilha  
E nunca mais se separa  
Ainda viria Dandara  
A sua terceira filha

Ainda como passadeira  
Perdera a profissão  
A fome lhe assombrava  
Não queria passar não  
E ainda pagar boleto?  
Viu um homem com panfleto  
Então veio a inspiração

Porém na adolescência  
Tula Pilar engravida  
Estava vindo a Samanta  
Chegando uma nova vida  
A Antônia percebia  
Que a barriga que crescia  
Era filho, e não comida

Ela vai pro Rio de Janeiro  
Trabalhar como babá  
Quando um prato de comida  
Ela via desperdiçar  
No peito uma dor lhe come  
A imagem da irmã com fome  
Vinha ali lhe visitar

Dentro dela tinha um sonho  
De poder ser uma artista  
De escrever ou até cantar  
Ou dançar em uma pista  
Sua mãe achou tolice  
Não a impediu que partisse  
Para capital paulista

A maldade encarnada  
Que fora sua patroa  
Tinha versão renovada  
Lá da terra da garoa  
Aperreavam-lhe a vida  
Quase que foi demitida  
Por dar “oi” pruma pessoa

Mas o tempo da senzala  
Não podia existir mais  
Por direitos das domésticas  
Pilar correu atrás  
Precisava ter uma asa  
Não ficar presa na casa  
De quem lhe arrancava paz

Tinha algo que aos olhos  
Fazia doce carinho  
Pela janela do ônibus  
Avistava no caminho  
Alegria lhe trazia  
No poste uma poesia  
De autoria do Binho

08

Foi também pegando ônibus  
Subindo pra casa dela  
Que achou foi bem curioso  
Ao olhar pela janela  
Num microfone reunido  
Todo povo entretido  
Tirando a mente da cela

Encontrar a Cooperifa  
No lugar onde ela passa  
Perceber cultura viva  
Sendo feita ali de graça  
Tula passa a frequentar  
Além da atenção chamar  
Com os versos da cachaça

O seu filho Pedro Lucas  
Pro mundo já tinha vindo  
Quando tocava tambor  
Era um baobá florindo  
O menino bem ligeiro  
Falava o “Navio Negroiro”  
E os queixos iam caindo

09